

A EXPRESSÃO DO SENTIMENTO NACIONAL NA REVISTA DA SOCIEDADE FILOMÁTICA

Odette Penha Coelho *

REV- LET. / 220

COELHO, Odette Penha — A expressão do sentimento nacional na Revista da Sociedade Filomática. Rev. Let., São Paulo, 20:21-31, 1980.

RESUMO: A significação das manifestações contidas na Revista, órgão cultural publicado em 1833 pela Sociedade Filomática da Faculdade de Direito de São Paulo, é obtida por meio da leitura do sentimento nacional nela expresso. As colocações teórico-literárias, sociais e outras podem ser retrógradas ou progressistas, mas todas se colocam baixo o crivo de teor exclusivamente pragmático: o de denúncia e/ou correção de carências existentes no país ou ainda de exaltação de conquistas modestas, não obstante nossas. Portanto, é o agudo sentimento de nacionalidade que justifica a Revista e lhe dá razão de ser.

UNITERMOS: Literatura Brasileira; pré-romantismo; Sociedade Filomática; Revista; sentimento nacional.

A expressão do sentimento nacional, em nossas letras, pode ser caracterizado por diferentes modos de ser, de acordo com o nosso estágio histórico e/ou cultural. Momento houve em que não se manifestava com pleno vigor e consciência, posto que existisse. Referimo-nos, em especial, ao século que antecedeu imediatamente àquele de nossa independência política. O *Uruguai* de Basílio da Gama e o *Caramuru* de Santa Rita Durão constituem dois exemplos desse tipo de manifestação. Após a sua independência política, o Brasil pôde dar, com espontaneidade, vazão ao sentimento que o afirmava, enquanto nação. Nesse

caso, o sentimento nacional apresenta-se predominantemente sob a forma de não contida exaltação: está-se em tempos de manifestações marcadas pelo romantismo ou daquelas que prepararam o seu advento. E passada a euforia proveniente do contentamento da aquisição da nacionalidade, surge a época, que perdura até os nossos dias, em que, embora, com diferentes colorações, o sentimento nacional aprofunda suas raízes, para trazer à tona, sem qualquer constrangimento, o resultado de suas perquirições, sejam elas lisonjeiras ou não à nacionalidade.

Como não poderia deixar de ser, em decorrência dos limites deste estudo, os

* Professora Assistente Doutora de Teoria da Literatura e Literatura Comparada do Departamento de Literatura do Instituto de Letras, História e Psicologia — Campus de Assis, UNESP.

traços da expressão do sentimento nacional acima referidos são os mais perceptíveis. Não nos preocupamos, pois, em deslindar as suas ramificações mais recônditas, por elas não nos parecerem pertinentes aqui.

A *Revista da Sociedade Filomática* constitui periódico com valor insofismável, sobretudo, para a história das idéias existentes em tempos imediatamente anteriores à instauração romântica. Trata-se de uma das primeiras revistas de cunho cultural criadas após a independência do Brasil. Posto que de vida efêmera — seis meses correspondentes a seis números — as suas 198 páginas oferecem matéria suficiente, para indagar acerca das preocupações mais flagrantes e do sentido das mesmas num momento em que o Brasil buscava auto-afirmar-se. A sua publicação data de 1833 ou mais exatamente de junho de 1833 a dezembro do mesmo ano e foi devida à iniciativa de professores e acadêmicos da recém-fundada Faculdade de Direito de São Paulo (1827), pertencentes à Sociedade Filomática, instituição criada em 1832, cujos objetivos estavam voltados para o aprimoramento de nossa cultura. Assim sendo, a *Revista* dessa Sociedade apresenta-se como um produto natural da mesma.

Nestas linhas, focalizar-se-á o sentimento nacional, tal qual se apresenta na *Revista*; suas formas de manifestação e o seu sentido. Isso porque para nós é esse o sentimento responsável pela sua própria configuração. Tudo o mais é dele decorrente.

Passado o momento das guerras motivadas pelo grito do Ipiranga, alguns

espíritos conscientizaram-se de nossa miséria intelectual:

"Uma apatia de morte peia os espíritos e nada excita a atenção, exceto interesse próprio e político do dia! Nossa Literatura firma-se em esteios mui tênues; nossa história só acha penas sedijas e bolorentas que a escrevem, nossa poesia nem tem ainda escola nacional; as ciências naturais não se conhecem senão em parte no ramo de Medicina; as exatas fazem curtos progressos; e as sociais apenas acabam de aparecer" (p. 14) (*).

Daí unirem seus esforços e boa vontade com o objetivo de formar uma sociedade que tivesse por fim

"criar um pequeno centro de luzes dispersas, procurar desta maneira meios para seu adiantamento individual e incitar maiores capacidades a reunirem-se para proveito geral" (p. 14).

Foi, pois, o amor à pátria que presidiu à criação da Sociedade e à do que era considerado seu órgão — a *Revista Filomática*.

A expressão do sentimento nacional, em manifestação de natureza cultural de que foi um exemplo a *Revista Filomática*, deveria causar, em nosso meio, alguma perplexidade. Constituem um testemunho desse estado de coisas palavras inscritas no "Ensaio crítico sobre a Coleção de Poesias do Sr. D.G. Magalhães", de autoria de Justiniano José da

(*) As transcrições foram extraídas da edição facsimilar patrocinada pela Metal Leve S.A. (São Paulo, 1977), da Revista da Sociedade Philomatica (São Paulo, Typographia do Novo Farol Paulistano.) A fim de facilitar a leitura dessas transcrições, a ortografia das mesmas foi atualizada.

Rocha, quer, quando, constata que, em nosso país,

"todos querem merecer os votos de seus concidadãos e ser seus representantes" (p.49),

quer, quando mais adiante afirma com confiança que:

"essa confusão de talentos, esse amálgama de loucas pretensões não de, ainda algum tempo impedir o progresso da literatura; mas tem de desaparecer, quando os homens se lembrarem que o templo da Memória abre mil portas" (p.49).

Portanto, somente as ações voltadas para a praxis da vida nacional é que se constituiriam como as únicas dignas de apreço e consideração em nosso meio. Daí dever ser reputada tanto mais corajosamente e fundada exclusivamente em idealismo a iniciativa dos promotores da *Revista*, quanto mais refratário se mostrava o país em aceitar projetos dessa natureza.

Esse fato talvez explique o tom didascálico que perpassa de ponta a ponta a *Revista*. Os seus colaboradores alçam-se como conselheiros todo poderosos e responsáveis pela formação do gosto nacional. Depois de dissertarem vagarosamente, nos "Ensaio sobre a tragédia" acerca desse gênero literário, sob diferentes aspectos (origem, história, exame dos teatros antigos e modernos, e principais regras), Francisco Bernardino Ribeiro, Justiniano José da Rocha e Antônio Augusto Queiroga dirigem no final de seu ensaio aos futuros dramaturgos da cena brasileira a seguinte lição:

"Em uma palavra em vossos dramas pensai como Corneille, escrevei

como Racine, movei como Voltaire" (p.184).

Além de conselheiros, apresentam-se também como depositários de alta missão — a de dirigirem o destino das letras no país:

"Não pretendo atribuir-me o talento do Legislador do Parnasso Francês; mas conhecendo quanto o estudo da crítica é necessário para o progresso das letras, vendo que só ela patenteia ao poeta os cachopos, que lhe encobre o entusiasmo da composição, lastimando o abandono em que jaz entre nós, tomei a mim a espinhosa tarefa de abrir esta vereda no campo da Literatura" (p.47-8).

O gesto assumido não é, pois, em momento algum, destituído de autoritarismo, ainda que dele se utilizem, conforme estão convictos, para bem servir à pátria.

Se assim é, poder-se-á indagar: quais são as diretrizes apontadas pela *Revista* referentes à formação de nossa literatura? Apresentam elas uma natureza progressista ou não? Essas questões são pertinentes, sobretudo, se for levado em conta, como já dissemos, ser a *Revista* publicada em momento imediatamente anterior àquele que antecedeu à data fixada como a da inauguração do Romanismo, entre nós, isto é, 1836.

De um modo geral, essas diretrizes não apresentam uma índole progressista. Pelo contrário, são dentro do contexto estético-literário em que vingaram, predominantemente conservadoras. Assim, para os redatores do ensaio de maior fôlego da *Revista*, o já mencionado "Ensaio sobre a tragédia", que se desenvol-

ve em quatro de seus seis números, com um total de setenta e seis páginas:

"Os homens são os mesmos em qualquer parte da terra que vivem, estão sempre sujeitos ao império das paixões que em todos eles tem um desenvolvimento quase igual, e que por isso pode ser previsto. A tragédia, que sobre eles se baseia, fala ao coração de todos os homens" (p.79).

Propulsionados, pois, pela crença na universalidade da espécie humana, pregam a imitação dos autores clássicos antigos e modernos que deixaram, segundo sua óptica, seus nomes gravados de forma indelével nas letras da civilização ocidental:

"Os Corneille, os Racine, os Voltaire, os Addison, os Alfieri, seguindo as regras invariáveis, que o bom gosto fundado 'na natureza havia ensinado aos discípulos de Ésquilo, por seus esforços imensos levaram a arte ao estado em que a contemplamos" (p.84);

a obediência às regras é apresentada como atitude digna de louvor:

"Temos visto muito de leve o que há de mais interessante nos teatros mais célebres da Europa; dentre eles vimos que mais se distinguem aqueles que seguem constantemente os invariáveis princípios do bom gosto, essas regras fecundas em resultados felizes, que a observação da natureza ensinou a esses Gregos de tanto gênio, a esses Gregos, que postos na meta da carreira literária, ainda hoje dirigem os passos de quem a percorre" (p.143);

e a fuga aos preceitos da estética clássica é apontada como grave defeito:

"Suas tragédias monstruosas (referem-se a Lope de Vega e a Calderón de la Barca), onde se não vena princípio algum, mas onde cintilam de espaço em espaço brilhantes fuzis de engenho, que mais admiráveis se tornam, quanto mais densas são as trevas que retalam, impuseram aos espanhóis como um dever religioso a cega admiração de suas belezas de envolta com seus defeitos. Mas desgraçadamente não é só nesta nação que, temos de notar este funesto predomínio do gênio inculto; a Inglaterra e o seu Shakespeare nos darão o mesmo exemplo" (p. 116).

Não obstante, aqui e ali, esse edifício de linhas clássicas deixa vislumbrar fissuras, por onde entram imperceptivelmente idéias que irão pouco a pouco revolucionar o pensamento estético-literário até então vigente. Destarte entende-se que os autores, que são considerados como os grandes mestres das letras do gênero humano, não foram elevados a essa condição devido exclusivamente ao sábio emprego das regras. Diante de criações de Racine, por exemplo, é dito:

"Quem lhe subministrou esse caráter tão refletido de Acomat, esse Nero, esse Britânico? Quem lhe deu meios de encarecer e tornar mais trágica essa Fedra, que nos interessa apesar de seus crimes e que debalde procura asilos na terra, no céu e nos infernos? Quem lhe deu idéia desse papel, onde a par dos movimentos os mais patéticos, da luta a mais obstinada da paixão incestuosa contra a fé conjugal e contra o pudor natural, brilham os pedaços de elo-

qüência mais elevada? Só podia ser seu gênio que o arrastava para tratar de um afeto, que Boileau achava o mais tocante e portanto o mais teatral" (p.133).

Como se vê, enfatiza-se o gênio — o belo não é criação devida exclusivamente a lições bem aprendidas.

Além disso, em mais de uma passagem, faz-se a exaltação do sentimento, um dos veios mais explorados pelo nascente Romantismo. Em dada passagem dos "Ensaio sobre a tragédia", emite-se o seguinte ensinamento:

"Excite-se tudo quanto abala o coração" (p.177).

Mais adiante, no mesmo ensaio, é conferido valor estético às lágrimas:

"Cravaste o punhal no coração do espectador, aprofundai mais e mais o mesmo golpe sempre do mesmo lado até o último momento. Não deixais tempo para limpar as lágrimas, que outras logo não rebentem" (p.177).

E, no "Ensaio crítico sobre a Coleção de Poesias do Sr. D.J.G. Magalhães, Justiniano José da Rocha ajuiza:

"A poesia hoje já não é uma reunião de sílabas harmoniosas, quer-se dela mais, não deve só satisfazer aos ouvidos, mas penetrar os corações e neles derramar seu bálsamo consolador" (p.51).

O sublime também não está ausente daquelas reflexões críticas da *Revista*, que indicam o aproximar-se de uma nova idade no campo da literatura:

"Esta sublimidade de caracteres porém não quer dizer, que se apresentem em cena almas estóicas, que não verguem às vicissitudes da sorte e ao peso das desgraças; a filosofia, a resignação não abalam os corações. Aquiles role pelo chão cego de ira e despeito; mas a indignação de Aquiles seja digna de sua alma heróica; sintam paixões os grandes homens, mas paixões em chamas; abatam-se a cometer crimes, mas crimes de almas afoitas, de corações generosos" (p.180).

Portanto, ensinamentos ministrados em face do que deveria ser a arte literária no Brasil, na *Revista Filomática*, nada oferecem de novo, do ponto de vista estritamente estético. São idéias transplantadas da Europa do fim do século XVIII e começo do século XIX, isto é, de uma Europa que se preparava para assimilar a lição dos românticos e que, ao mesmo tempo, se mostrava recalci-trante a ela.

O que há de novo, quer-se dizer de sopro, que se pretende nacional, neste enfoque universalista conferido às letras de nossa terra, é que só pela obediência ao exemplo dos modelos apresentados elas alcançariam um estatuto digno de culto, de respeito e mesmo de imitação, por parte de outras nações já que

"com estas regras, com estes exemplos o *Teatro Brasileiro surgirá com glória e merecerá ser contado no número daqueles que podem servir de modelo*" (p. 184) (grifo nosso).

É, pois, o desejo de fazer com que a literatura pátria ombreie com as literaturas das nações consideradas cultas, que faz com que os colaboradores da

Revista apontem para as nossas letras caminhos já trilhados, por serem esses já consagrados pela opinião dos chamados homens de bom gosto.

Por isso é que encimam a todas as virtudes do poeta aquelas devidas ao esforço e ao trabalho. Eis palavras transcritas da "Epístola ao Sr. H.B. Montauray":

"É na bigorna que se apura a
[têmpera,
E a martelo é só que o gênio
[cresce.
Já formados não nascem os Poetas,
Criam-se; e a força de ásperos
[estudos,
Do muito trabalhar, dos crebos
[golpes,
No Pindo resplandecem claros
[lumes,
Ei-lo vates depois, rivais de
[Apoio"
(p.86).

É natural que assim fosse, já que tudo estava para ser feito. Dessa forma, pode-se entender o continuado estudo como um dado da expressão do sentimento nacional, uma vez que seria por meio dele que a nossa literatura se manifestaria com total pujança, ainda que sob os moldes da estética clássica.

Em sua visão do objeto literário, os redatores da *Revista* conferem lugar de especial relevo à linguagem. Sob esse prisma, situam-se como ortodoxos defensores da pureza do idioma. Abominam o galicismo e estimulam as manifestações de vernaculidade. Daí, sob o prisma da linguagem, terem defendido Filinto Elísio e acusado Bocage. Acerca de Bocage, por exemplo, são feitas as seguintes reflexões:

"(...) sua alta capacidade apenas serviu para nos conduzir a novos riscos, sem remediar males antigos; que fundou uma escola perniciosos cujos fins podia ele só preencher, ou que seus talentos possuísse; que abandonando em demasia o cultivo da pátria linguagem deu um golpe fatal na literatura nacional, e que enfim tivemos que combater além dos Galicanos os antigos Gongoristas transformados em Elmanistas, e amparados por seu geral conceito, e algumas de suas obras grandiosas" (p.39).

Por outro lado, Filinto Elísio é visto e julgado principalmente, em decorrência do tratamento que conferiu ao idioma:

"Discípulo de Garção, e de Diniz, chefe da escola dos puritanos atuais, o tradutor dos Mártires tem direitos incontestáveis ao posto mais distinto entre os modernos vates de Elísia. A hidra revolucionária, que desde meados do século passado tentara devotar o casto e puro idioma Lusitano, surgia por fim mais confiada dentre os troféus dos discípulos de Elmano. Filinto, que a houvera conhecido na pátria, divisou-a ao longe lá do exílio tirânico, onde nem amarguras nem misérias puderam deter os arrebatamentos de seu talento. Numa mão com o azorrague satírico, noutra com os raios que lhe prestava a razão, a verdade, e o amor da Pátria, por trinta anos combateu-a" (p.40).

Quanto à linguagem, pois, não se chegara, em 1833, a ter-se consciência da diferenciação entre a nossa expressão lingüística e a de Portugal. Pelo contrário, houve por parte daqueles que cola-

boraram na *Revista* um grande esforço no sentido de pregar para nós o uso de um idioma castiço. Também nesse caso, a perfeição a ser atingida pela imitação de modelos estranhos à nossa realidade se alçaria como estatuto de grandeza da expressão nacional.

No entanto, apesar de o clássico ser, pois, com tudo o que ele tem de universal, a presença mais viva e marcante do ideário estético presente na *Revista*, momentos há diminutos, posto que significativos, em que se verifica ser o Brasil nação com paisagem ímpar, a cujos atrativos não deveriam ficar indiferentes os nossos artistas das letras. Assim é, com entusiasmo, que Justiniano José da Rocha ressalta, nos poemas de Gonçalves de Magalhães, a presença da natureza brasílica:

"Entre as qualidades que recomendam o Sr. Magalhães, não deve ser esquecido o seu amor ao Brasil. Graças a ele, já a majestosa mangueira substituiu os choupos, e os carvalhos, já o Sabiá Brasileiro desentronizou o rouxinol d'Europa, e algumas das belezas americanas trajaram galas da Poesia" (p.56).

A esse respeito, é interessante notar que os responsáveis pela edição da *Revista* não foram insensíveis ao prefácio de "Jakaré-Uassu, ou os Tupinambás", crônica brasileira escrita por dois franceses — D. Gavet e P. Boucher. Tanto assim é que chegaram, inclusive, a traduzi-lo no terceiro número da *Revista Filomática*, ainda que, em desobediência às normas traçadas para a mesma, conforme explicam em nota:

"Atrevemo-nos a traduzir (contra o nosso projeto) este prefácio de um excelente romance, para darmos idéia do que acerca do nosso País

pensam os Europeus sensíveis, e entusiastas de nosso solo formoso e virgem" (p.92).

É evidente nessa nota e na própria transcrição em português do prefácio da crônica, na *Revista*, a presença de ingênuo sentimento de orgulho nacional nascido indubitavelmente por a nossa pátria ter sido elogiada por estrangeiros letrados. E é, nessa tradução, e não, nos ensaios, e, nem mesmo, nos poemas publicados na *Revista*, que o autor brasileiro poderia encontrar estímulos mais vigorosos, para criar uma literatura nacional:

"Ah! É no novo mundo que o Poeta pode estudar sua arte; e aí que deve germinar forte e elevado seu pensamento criador; lá o gracioso se acha envolto com o sublime, e com o horrendo, o Poeta encara um quadro que palpita com o calor da vida, um quadro imenso, majestoso, ardendo em poesia: grandes lembranças o cercam, o eletrizam, o atormentam, e dele exigem lágrimas, êxtases prolongados, e os cantos, que não morrem, cantos sublimes! Desafogado se transporte o gênio! Ressoem as cordas de uma lira nova em um mundo novo! Neste país de maravilhas, em que é tudo novo, em que tudo vive animado por um suco de fogo, em que o pensamento cresce, e se engrandece livre, virgem, singelo, brilhante, nada apareça do que é usado, nem se faça ouvir cousa alguma que se ressinta da lima Européia (p.94-5).

Observa-se nessa passagem, a admiração extasiada causada pela excepcionalidade própria de uma região não atingida pela civilização do velho mundo.

Em suma, a natureza das diretrizes estético-literárias imprimidas pela *Revista* são conservadoras. É o ideal clássico que se defende, acima de tudo, por ser ele universal. É, sob essa óptica, que aquele ideal é focalizado. Isso porque se pretende fazer, como já foi dito, da literatura brasileira, uma literatura tão grande quanto todas aquelas de projeção indiscutível no panorama das literaturas conhecidas. Logo a defesa do ideal clássico era propulsionado por um forte sentimento nacional. Por outro lado, a presença do Brasil, em termos de orgulho pátrio e enquanto nação com configuração própria, poder-se-ia fazer tão-somente, por meio de traços de sua natureza privilegiada. É essa, em essência, a lição estético-literária desenvolvida pelos colaboradores da *Revista*.

Embora o maior espaço da *Revista Filomática* seja ocupado por assuntos de teor literário, a eles não se limita. Possui dois estudos de interesse e não esvaziados de sentimento nacional voltados para questões de ordem social. Um deles intitula-se "Influências das Prisões de Correção sobre a diminuição das reincidências nos crimes" e outro "Relatório da Comissão encarregada da visita das Prisões e Hospitais". Ambos são movidos por uma acentuada intenção de reforma em instituições até então consideradas como que marginalizadas dentro da sociedade — as prisões, os hospitais e colégios para crianças abandonadas.

O primeiro centraliza o seu ponto de interesse num paralelo — os malefícios trazidos pelo sistema carcerário tradicional, tal qual o empregado em determinados países, como o Brasil, inclusive:

"Falaremos das prisões tais quais existem em muitos países, entre os quais se acha o Brasil. Es-

tas prisões, segundo a idéia que temos, são casas de corrupção em vez de casa de correção. (...) O trabalho, a decência, o silêncio, e a limpeza, que dão ao homem uma idéia elevada de si mesmo, se acham inteiramente desprezadas: licores fortes, que desordenam os espíritos nelas têm entrada, nascendo daí graves inconvenientes" (p.30);

e os benefícios, advindos da aplicação da reforma das prisões no mundo:

"Resulta do que acabamos de expor que debaixo de um mau sistema de prisões, os crimes se multiplicam em vez de se tornarem menos freqüentes. As mudanças que tiveram lugar nas prisões de Filadélfia bastaram para diminuir os delitos na proporção de 592 a 243, e os grandes crimes na de 129 à 29" (p.31).

Evidentemente, o autor, cujo nome não é apresentado, imbuído de forte sentimento nacional, quer mostrar aos seus leitores, ainda que não diretamente, as vantagens do sistema carcerário, cujo exemplo tivera início com tanto sucesso nos Estados Unidos, sistema esse que poderia também ser experimentado em nossas prisões. É esse o seu fim precípua. Trata-se, pois, de linhas em que não está ausente o sentimento nacional. Nesse caso, voltado para o bem de determinadas parcelas da sociedade.

O segundo estudo, embora seja um relatório, também é rico em denúncias e em proposições para a correção de males encontrados. Eis, dois exemplos de denúncia, que aí seguem a título de ilustração. Do xadrez é dito:

"Achamos porém que sendo janelas de grades de pau, facilmente podem ser arrombadas; achamos que a falta de asseio, que nele reina, não pode ser senão danoso aos infelizes, que o habitam; achamos, que uma latrina em um dos lados da casa sem nenhuma janela, e com uma porta sempre aberta, há-de produzir não só um cheiro desagradável, mais ainda há de infectar a atmosfera de miasmas pútridos, que nisto podem influir sobre a saúde de seus habitantes" (p. 159-60).

E como idéias para a correção dos males encontrados são os relatores de uma objetividade taxativa. A respeito da cadeia, afirmam:

"Do que levamos dito, fácil é conhecer-se que o atual edifício da Cadeia necessita de uma inteira reforma; e segundo nosso parecer esta reforma deve ser tal, que necessita uma nova casa" (p. 163).

E acerca de dois escravos que servem a um colégio de meninas, ponderam:

"achamos muito mal, que as meninas sejam servidas por esca-

vos; e sobretudo não gostamos de um pardo, que ali vimos, e que nos disseram ser sapateiro, e fazer o calçado das meninas: a sua fisionomia no-lo não fez julgar apto para existir entre as meninas. Não queremos duvidar da sua utilidade; porém more fora da casa, e só se corresponda com a Diretora. O outro poderia bem ser trocado por uma escrava" (p.168).

Essas denúncias e essas proposições de correção dão a exata medida das responsabilidades que começavam a atribuir-se a si próprios os homens de então. E tudo isso, ou seja, a denúncia de determinado estado de coisas e/ou as proposições de correção para o seu aperfeiçoamento e melhoria passam a tetr, na medida em que são apresentados na *Revista* certa finalidade — a de serem úteis ao Brasil. E essa finalidade não deixa de ser uma das formas mais significativas de expressão do sentimento nacional.

Além de poemas, cuja nota acentuada é representada pelo sentimento (*), apresenta a *Revista* quatro composições poéticas com interesse para este trabalho (**).

(*) A *Revista* dá ênfase ao valor estético proporcionado pelo sentimento, conforme já foi visto, no corpo do trabalho. Por outro lado, ela apresenta três longos poemas, cujo tema central é o amor. Trata-se de os "Últimos momentos de uma jovem de Madagascar brigada a sacrificar seu filho ao Deus Niang", de José Marciano Gomes Batista, de "Jansel" (Anedota histórica traduzida de Parny) e a "Tradução do Livro 3.º do Poema Joseph", por Bithaubé. Nesses poemas, são abordados temas como o conflito entre o querer e o dever, o da realização amorosa além túmulo e o da fidelidade que resiste a todos os descaminhos apresentados, para por à prova a verdade de um amor.

(**) Com efeito, consideramos, sem interesse ao nosso intento, uma só composição poética. Trata-se de um soneto imitado de Scarron, de autoria de Francisco Bernardino Ribeiro, que versa assunto jocoso (Cf. p. 61). Também não nos pareceu pertinente a este estudo a "Notícia Bibliográfica extraída de Revista Enciclopédica" em que são examinadas idéias contidas em duas obras: "A conciliação dos extremos nas opiniões de Fre. Ancillon e "Curso d'História do Direito Político e Constitucional na Europa, por M. Ortolan". Daí não termos feito menção a ela.

Refirimo-nos ao "Elogio dramático representado a 7 de setembro no Teatro acadêmico" à "Paz — discurso em verso", à "Ode ao aniversário da instalação da Sociedade Filomática" e às duas odes sobre a execução do dia 24 de maio de 1833.

O "Elogio dramático" situa-se na linha de composições retóricas, que, em 1833, portanto onze anos após a nossa independência política, continuavam a ter lugar de destaque em nosso país. É uma composição em que o Gênio Metropolitano e o Brasil são as personagens propulsoras da ação. A primeira apresenta-se com as cores da tirania e do autoritarismo e a segunda com as do sofrimento. E sendo vítima, campeia ao fim como vencedor:

"Brasil, dia de prazer! Eu já sou livre!

Venturoso Piranga, tu me ouviste
Primeiro o brado ingente

[— INDEPENDÊNCIA —

Nossas venturas no teu curso
[espalha;

Que as goze a Prata — que as
[conheça o mundo.

Já não temos tiranos!

[Deus piedoso,
Que os vergonhosos ferros nos

[quebraste,
Afasta os males, que esse monstro

[agoura,
E a liberdade América protege.."

(p.130-1).

O sentimento nacional está aí expresso na recapitulação de episódio caro à nossa história nacional, episódio que reafirmava, na medida em que era comemorado, o fato de ser o nosso país independente.

A composição escrita para celebrar o primeiro aniversário da inauguração do Teatro Harmonia — "A Paz" — também se inscreve entre essas manifestações, cujo sentimento dominante é o de orgulho pela pátria:

"— Mais ditosos, porém, mais úteis sendo,

Venturosos mil vezes que abristes
Nova escola moral! Por vosso

[influxo

A pátria cena vai erguer-se às

[nuvens.

Mais bela, mais brilhante; a vosso

[sopro

Daqui, dali rebentem gênios fortes
Que vão fazer corar Francos e

[Gregos

De despeito, e de raiva: oh que os

[já vejo

Apontar no horizonte da esperança
Olhos fitos na glória" (p.60-1).

Assim, o simples aniversário de um Teatro constituía, naquele tempo, motivo para exaltação do sentimento da nacionalidade. O mesmo se pode dizer acerca da "Ode ao aniversário da Sociedade Filomática recitada em pública reunião. Tudo o que era feito e criado no Brasil era motivo para ser celebrado. Portanto a exaltação das conquistas pátrias, fossem elas de natureza política ou cultural, representavam na *Revista* um dos modos pelos quais o sentimento do nacional foi nela expresso.

A "Ode ao algoz de 24 de maio de 1833 — S. Paulo", de Francisco Bernardino Ribeiro e a "Ode por ocasião da execução do réu em o dia 24 de maio de 1833" —, de Antônio Augusto de Queiroga também exprimem o sentimento nacional, na medida em que assumem um episódio não digno de nossa nacio-

nalidade (trata-se da execução de um criminoso), para mostrar o horror a ele inerente:

"A musa horrorizada
Não pode prosseguir, das mãos
[me arranca

A criminosa lira:
E fazendo-a pedaços, fuge, e brada
Que finde aqui com lágrimas meu
[canto" (p.197).

Logo é, sob as mais diferentes formas, que o sentimento nacional se acha expresso na *Revista*. No entanto, apresentando-se com o colorido entusiástico da exaltação ou com a fisionomia séria de uma lição a ser por força aprendida ou ainda com o azorrague da denúncia é sempre ele que vivifica e dá razão de ser ao periódico da Sociedade Filomática, mesmo quando as idéias nele defendidas se filiam, como é de regra, a modelos independentes das sugestões oferecidas pela nossa realidade.

REV- LET. / 220

COELHO, Odette Penha — The expression of national feeling in the Revista of the Philomathic Society *Rev. Let.*, São Paulo, 20:21-31, 1980.

SUMMARY: The significance of the manifestations found in the Revista (Port- for Journal), official cultural publication issued in 1833 by the Philomathic Society of the São Paulo School of Law, is obtained through the reading of the national feeling it expresses. The theoretico-literary and social positions, and others, may be backward or progressive, but all of them are placed under exclusively pragmatic screening: that of denunciation and/or correction of deficiencies existing in the country, or yet, the exaltation of our conquests, moderate as they might be. It is the deep national feeling, therefore, which justifies the existence of the Revista.

UNITERMS: Brazilian Literature; pre-romanticism; Philomathic Society; Revista; National feeling.